

Doellinger, Johann-Josef-
Ignaz von
Herculano na Allemanha



HERCULANO NA ALLEMANHA

ELOGIO HISTORICO

DE

Alexandre Herculano

RECITADO EM MUNICH

na sessão solemne da Real Academia das Sciencias da Baviera, a 28 de Março de 1878

POR

Johann-Josef-Ignaz von Doellinger

PRESIDENTE DA MESMA REAL ACADEMIA

(VERSÃO DIRECTA DO ALLEMÃO)



EDITORA

Empreza da HISTORIA DE PORTUGAL, de Schaefer

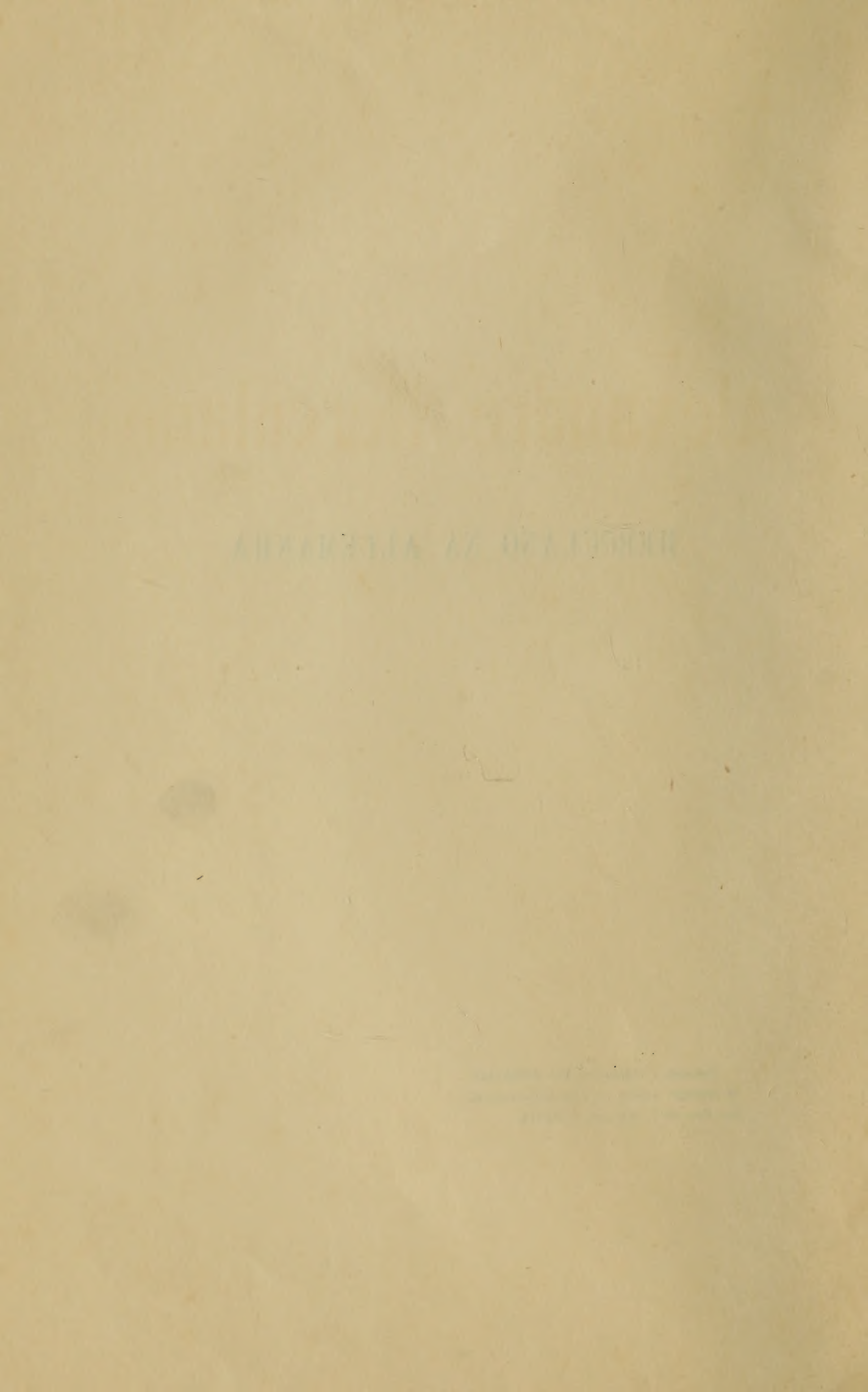
Rua do Bomjardim, 414

PORTO-1910



HERCULANO NA ALLEMANHA

Composto e impresso na TYP. PROGRESSO,
de Domingos Augusto da Silva & Commandita,
Rua Nova de S. Domingos, 91-PORTO.



HERCULANO NA ALLEMANHA

ELOGIO HISTORICO

DE

Alexandre Herculano

RECITADO EM MUNICH

na sessão solemne da Real Academia das Sciencias da Baviera,
a 28 de Março de 1878

POR

Johann-Josef-Ignaz von Doellinger

Presidente da mesma Real Academia

(VERSÃO DIRECTA DO ALLEMÃO)

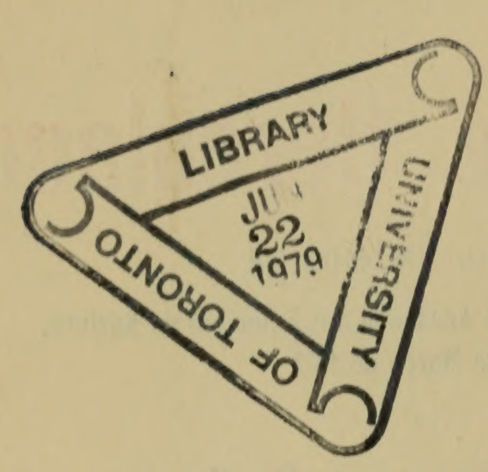


EDITORA

Empreza da HISTORIA DE PORTUGAL, de Schaefer

Rua do Bomjardim, 414

PORTO-1910


LIBRARY
JUN
22
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO



PRAXE é da nossa Academia, quando reunida para celebrar o anniversario da sua fundação, lembrar-se primeiro d'aquelles que lhe pertenceram em vida como socios, pela conformidade de suas tendencias e por nossa escolha, e que lhe fôram arrebatados pela morte no decurso do anno. D'esta vez lamentamos a perda de um homem que attrahe a nossa attenção de uma maneira especial, tornando-se digno de que nos occupemos largamente da sua pessoa e dos seus trabalhos litterarios, apezar de ter vivido a grande distancia de nós, no extremo sudoéste da Europa, e não

obstante seus escriptos pertencerem a uma litteratura aliás quasi desconhecida na Allemanha. Merece-o; porque, prendado com assombrosa variedade de talentos e dispondo de uma força productora que parecia inesgotavel, enriqueceu em muito a litteratura e a sciencia, e deu ao seu paiz tambem para tempos vindoiros um exemplo brilhante, deixando-lhe em seus escriptos thesouros indestructiveis de conhecimentos e de civilisação.

Alexandre Herculano de Carvalho, fallecido em 13 de Setembro de 1877, nasceu em Lisboa no dia 28 de março de 1810. Antes de completar 20 annos emigrou para França, onde recebeu as primeiras impressões da revolução de julho. Regressou em 1832 e assentou praça no exercito de D. Pedro, tomando parte na guerra civil que inaugurou a transformação de Portugal em monarchia constitucional. O que o joven passára e vira n'aquellas conjuncturas, decidiu para sempre sobre o seu pensar e sentir. Para comprehendermos bem isto, preciso se torna que esbocemos rapidamente a situação de Portugal tal qual era ha meio seculo.

Tres vezes a nação, n'um esforço supremo e auxiliada pela Inglaterra, tinha rechaçado a invasão franceza e sacudido o jugo de Napoleão. A paz de 1815, porém, não trouxe ao desgraçado paiz nem conforto nem melhora-

mento algum. A agricultura, a industria e o commercio estavam profundamente decahidos ou quasi anniquilados; o exercito numeroso não condizia com a população; e, depois de abolido o monopolio do commercio brazileiro, Portugal perdera a fonte principal da sua riqueza. As communicações com as outras provincias ultramarinas estavam quasi cortadas; a côrte e a nobreza residiam no Brazil, e a mãe patria era uma como dependencia da sua colonia. Pouco depois effectuou-se a separação do Brazil, o que fez com que a côrte voltasse para Portugal; mas que rei foi esse D. João VI! .... Além d'isso, pezavam sobre o paiz desde havia seculos os erros e os abusos de um governo pessimo, de sorte que nem mesmo a melhor e mais prudente administração podia remediar esses males sem se operar antes uma transformação fundamental. Só quando se realisasse uma tal regeneração, Portugal poderia dispôr dos seus recursos naturaes; faltando-lhe aquella, cabia-lhe como sorte inevitavel a atrophia e a agonia lenta.

Só de cima, só do proprio monarcha é que podia vir a regeneração desejada, e esse serviço prestou-o ao seu paiz o filho mais velho de D. João VI, D. Pedro, depois da morte de seu pae, dando á nação uma constituição que tinha elementos de vida, apezar de que foi rejeitada no principio pela maioria do povo.

Seguiram-se quatro annos de reacção absolutista e a questão: carta ou despotismo? conjugou-se com a lucta dos dous irmãos a proposito da successão ao throno.

Occorreu então um dos feitos mais maravilhosos d'este seculo. D. Pedro, vindo da ilha Terceira, desembarcou com a pequena força de 7:500 homens nas praias do Mindello, entrou no Porto e começou a lucta com seu irmão, que commandava um exercito aguerrido de mais de 60:000 homens, que era appoiado e auxiliado por tudo o que alli tinha poder e influencia, pelo clero, pela nobreza e pelas massas do povo, dispondo, além d'isso, livremente, de todos os recursos do paiz.

No fim de 15 mezes, este combate terminou com a victoria completa dos *pedristas*, com a proclamação da Carta Constitucional que D. Pedro outhorgára como regente e com a elevação ao throno de sua filha D. Maria.

O exercito de D. Pedro havia crescido cada vez mais, contando no fim da guerra civil perto de 60:000 homens, emquanto que as hostes de seu irmão, apezar do enthusiasmo religioso fomentado pelo clero, que lhes assegurava cada dia que combatiam em prol da causa de Deus, se tinham dissolvido como as neves se derretem aos raios do sol.

N'um dos seus opusculos, Herculano explicou este phenomeno. Até 1833, o liberalismo

era em Portugal uma comedia ôcca, tão rica de rhetorica bombastica quão pobre da razão politica. Mas dous homens — Herculano chama-lhes dous gigantes —, D. Pedro e o seu ministro Mousinho da Silveira, assentaram a base em que ainda hoje se firma o Portugal constitucional: aquelle como soldado brioso e general resoluto, este como legislador. Não pelo que Mousinho creou de novo, é que merece ser denominado fundador da actual ordem de cousas — não lhe deixaram tempo para isso; — mas por ter desprendido os laços do feudalismo e alliviado a população rural de pezadissimos encargos. D'esta maneira as leis de 16 de maio, de 30 de julho e de 13 de agosto de 1832 tiveram o effeito de um terramoto tres vezes repetido e, pela primeira vez, Portugal pôde agitar-se, fazer uso de seus membros e empregar suas forças. O absolutismo havia perdido o sólo sob os pés.

Os francezes tinham assolado e empobrecido aquelle bello paiz, e a guerra civil acabou a ruina geral; cahos, como alli, nunca se viu egual. Só então, quando sob a rainha D. Maria e a Carta dada por seu pae se pôde reflectir e respirar livremente, foi que a litteratura começou a reviver n'aquelle paiz desgraçado. Com enthusiasmo juvenil, Herculano tomou parte no nascente movimento intellectual. A mesma causa que defendera como

soldado, queria servil-a com a penna. Na edade de 26 annos escreveu a *Voz do Propheta*, e aqui, revestindo sua prosa o estylo de um propheta do Velho Testamento, n'aquelle arrojo de uma eloquencia irada e fulminante, a lingua portugueza, já de si tão bella e sonora, apresenta-se com avultado destaque.

N'aquelle tempo, os chamados setembristas tinham conseguido pela força restabelecer a constituição democratica de 1820 para affastar os cartistas do governo; o ministro da guerra havia sido assassinado, e a indignação de Herculano voltou-se contra um partido que, seduzido pelo egoismo, não duvidava pôr em perigo as conquistas que custaram tanto sangue e ameaçava lançar o paiz outra vez nas palpitações da guerra civil. No prologo de uma nova edição da *Voz do Propheta*, que publicou trinta annos depois da primeira, Herculano confessa que não podia lêr sem rir-se, depois de tantas experiencias e desenganos, as invectivas hyperbolicas que accumulára n'aquelle escripto.

N'este primeiro periodo da vida, Herculano não se mostra ainda nem sabio nem investigador; até 1843 redigiu uma revista litterario-politica, o *Panorama*, e publicou uma collecção de poesias religiosas sob o titulo de *Harpa do crente*. Pouco depois, porém, começou suas largas investigações historicas e

preparou-se para ser o historiador da sua patria. Para avaliarmos bem a posição e os trabalhos d'este homem, cumpre considerarmos duas cousas: primeiro, as relações de Portugal com as outras nações e depois o modo como a nação costuma imaginar a sua propria historia e as exigencias que faz a quem quer escrevel-a.

Tres são os povos com quem os portuguezes, desde o comêço da sua historia, tiveram relações mais intimas e que exerceram, ou ainda hoje exercem, uma influencia poderosa ou decisiva sobre os destinos e o modo de pensar d'este povo: hespanhoes, inglezes e francezes.

Quanto aos hespanhoes, o proximo parentesco da raça e de lingua, a similhança do caracter, a egualdade da civilisação e das ideias não poderam evitar que o povo mais meudo alimentasse durante seculos inimisade figadal contra o visinho mais forte. Os portuguezes tinham soffrido da parte d'esse visinho muitos actos de tyrannia, muitas perdas graves e nunca compensadas, e receiavam que qualquer dia fôssem devorados por elle outra vez. Os tempos e acontecimentos que os portuguezes julgam os mais gloriosos são exactamente aquelles em que venceram os castelhanos e se subtrahiram ao jugo d'elles. Ha muito que celebram os anniversarios d'estas victorias

como dias de regosijo nacional, e aos sessenta annos de dominação hespanhola (1580-1640) chamam-lhes ainda hoje «o tempo do captiveiro». Agora ainda a litteratura hespanhola é em Portugal a menos conhecida e, pelo menos nos districtos da raia, o odio está tão arraigado que um *touriste* allemão (Willkomm) julga que, se as duas nações podessem qualquer dia aggredir-se livremente, espatifar-se-hiam com prazer.

Ora, na Hespanha, desde 1640, reina geralmente a opinião de que só quando a peninsula tornasse a formar um unico estado, se portuguezes e hespanhoes fôssem unidos outra vez, é que a Hespanha podia voltar á sua antiga grandeza e prosperidade. A agitação em favor d'este amalgamento chama-se «iberismo».

Já no seculo passado os estadistas hespanhoes davam como axioma que a separação das duas nações era passageira e que se devia procurar unir as duas corôas n'uma só cabeça. Ainda ha poucos dias, o mais eloquente dos hespanhoes, D. Emilio Castelar, lembrou no parlamento de Madrid com lastima as duas feridas que não se queriam fechar: Gibraltar e Portugal independente. Apontando para a necessidade de que o littoral lusitano, com a foz de tres rios, tornasse a ser hespanhol, foi applaudido com enthusiasmo pela camara dos deputados.

A alliança com a Inglaterra existe já ha perto de 500 annos; começou quando o rei D. João I, o fundador da nova dynastia de Aviz e aparentado com a familia real ingleza, se serviu d'este apoio contra a prepotencia de Castella. Desde então a Inglaterra mostra-se em momentos criticos um alliado fiel e forte. com quanto não desinteressado; só com o auxilio d'ella o pequeno paiz pôde subtrahir-se ao jugo hespanhol e francez; só a ella deve o não ter tido que receiar, desde a invasão napoleonica, a aggressão de inimigo extrangeiro. Uma vez, é verdade, quando o exercito estava completamente *anglicisado* e Beresford reinava despoticamente em nôme do rei, ausente no Brazil, a revolução de 1820 quebrou esse jugo, que era uma vergonha e a humilhação nacional. Esta occorrencia, porém, está, se não esquecida, pelo menos perdoada mutuamente e expiada pela Inglaterra por beneficios posteriores.

Ora, os dous povos estão profundamente separados pela raça, pela lingua, pelo modo de pensar e sentir, pelos costumes e pela religião. Apezar das estreitas relações politicas, o povo inglez, tão rico em bens de fortuna e de espirito, nunca influiu, nem intellectual nem moralmente, sobre a nação mais pobre, ás margens do Tejo e do Douro. Esta influencia só a possue o primeiro dos povos latinos, a

França; e os portuguezes das altas classes da sociedade dirigem-se a Pariz como os molesmitas a Mecca. A' França pediram emprestada a legislação, a administração, a jurisdicção, o exercito, a sciencia e a litteratura dos tempos modernos. Em Lisboa e no Porto falla-se muito o francez, as livrarias estão alli cheias de livros francezes, e ha portuguez que prefere escrever em francez. E' esta a consequencia da tyrannia e do terrorismo com que o clero e o realismo juntos retardavam e abafavam a civilisação e a litteratura no paiz. Portugal foi a unica nação da Europa que ficou intacta á Reforma. Não se póde nomear alli um unico homem que tivesse obrado ou soffrido pelas ideias Reformistas. A nação ficou separada da vida intellectual do resto da Europa; só as perturbações politicas e a alliança com a Inglaterra fizeram com que a Europa se lembrasse, de vez em quando, da existencia de Portugal e o tivesse por povo civilisado.

Quando depois, sob a mão de ferro de Pombal, começou a acordar e a reviver, além da industria tambem a litteratura e até a sciencia recorreram, para cobrir a sua penuria, aos ricos thesouros da litteratura franceza. Ha um seculo que tem sahido á luz grande numero de traducções francezas, e é innegavel que, sendo limitado o numero de

obras classicas nacionaes, essa importação em larga escala de livros extrangeiros estragou o estylo portuguez, tornando-o sêcco, descolorido, mais proprio para exprimir phrases banaes e trivialidades.

Com isso tambem já temos marcado em grande parte o logar que Herculano occupa na litteratura do seu paiz. O iberismo é-lhe extranho; com a litteratura hespanhola, quanto se póde julgar por seus escriptos, não se occupou muito. A litteratura hespanhola, depois de Cervantes, pouco tem que possa interessar os portuguezes, porque os dous reinos da peninsula viviam sob a mesma tyrannia intellectual. A meu vêr, Herculano evitou dar sua opinião sobre as questões que prendem com a Hespanha, mas estou certo de que teria lamentado a subordinação da sua patria sob o visinho mais forte, como uma enorme desgraça nacional. Com a litteratura franceza mostra-se familiar; mais ainda com as obras philosophicas, historicas e poeticas da Allemanha. Sabia muito bem que a dependencia litteraria levou os portuguezes a conformar outrosim a sua vida politica com o modelo francez e a impôr-se o jugo de uma centralisação que os acompanha desde o berço até ao tumulo, óra tutelando, óra impedindo, óra torturando, e que não deixa produzir-se no povo movimentos espontaneos. Tanto maior valor attribuia Her-

culano á alliança ingleza.—Se qualquer dia, disse elle, o meu paiz deixasse de ser irmão e amigo do povo inglez, havia de arrasar primeiro o templo de Nossa Senhora da Batalha, aquella memoria da victoria de Aljubarrota (1385), ganha pelos portuguezes e inglezes alliados, e sobre as ruinas d'este padrão e os ossos do melhor rei que jámais tivemos, D. João I, o arauto da discordia havia de annunciar que estava rota a alliança de quatro seculos.—

Herculano, propondo-se escrever a historia da sua patria, sabia muito bem que nação nenhuma da Europa olha para o seu passado com tanto orgulho como o povo portuguez. Em parte não sem razão: em lucta secular conquistaram o seu paiz aos mouros, sustentaram victoriosos a sua independencia contra Castella, muito mais forte, fôram os primeiros que passaram á Africa, chegaram com o infante D. Henrique (o Navegador) até ao Senegal, penetraram depois com Bartholomeu Dias até aos confins da Africa. Dobrado o Cabo por Vasco da Gama, os descobrimentos e conquistas seguiram-se depressa. Toda a Africa foi cercada de uma linha de estações navaes e de emporios; nas Indias tomaram Gôa, occuparam Ceylão, Java, as Moluccas e fundaram estabelecimentos até nas costas da China. De facto, as conquistas na India estavam limitadas a certos pontos; mas, vistas de longe,

pareciam um grande imperio, que tinha em perspectiva um engrandecimento incalculavel. E, com effeito, Portugal possuia n'aquella epocha o commercio do mundo e o dominio dos mares; Lisboa foi por algum tempo a primeira praça da Europa; e o pequeno reino era tão respeitado e temido na Asia que n'um mappa persa Lisboa estava designada como a capital dos povos francos ou occidentaes. Quando a estas possessões accrescia o Brazil, Portugal encontrava-se em demasia fraco; nem tinha a população, o desenvolvimento e a organisação precisa para satisfazer tão grandes exigencias e sustentar por muito tempo dominios enormes em tres partes do mundo. Como, porém, todo aquelle vasto imperio só cahisse após a derrota de Alcacer-Kibir e com a successão hespanhola depois da morte de D. Sebastião, a nação viu n'aquella desgraça africana e mais ainda na odiosa dominação hespanhola a causa da sua queda. Ai do portuguez que se tivesse atrevido a lembrar os graves erros e crimes atrozes que já antes andavam de mãos dadas com os feitos heroicos e as brilhantes conquistas! O povo estava e está ainda hoje mais disposto a vêr, olhando para traz, os seus antepassados na aureola de uma desgraça immerecida do que a trabalhar com todas as forças para attingir o possivel grau de poder e de prosperidade.

«Fômos, já não somos», disse ainda em nossos dias Almeida Garrett, o melhor poeta da nação depois de Camões; e esta palavra, soando atravez dos seculos, tomou vulto phantastico na crença profundamente arraigada da volta de D. Sebastião da ilha encoberta, como o Messias da politica nacional.

Assim, a gloria nacional, a gloria immaculada do lusitanismo chegou a ser um idolo, ao qual se sacrificou a simples verdade historica. O historiographo que não queira ser perseguido como inimigo da nação e da Egreja, ha-de calar factos aliás acontecidos, contar acontecimentos que nunca se déram, renunciar á critica onde começa a ser incommoda, e enfraquecer a verdade onde o emmudecer seria impossivel. Por exemplo: São os portuguezes quem se deixou authorisar primeiro pelos reis e depois pela Sé Romana a fazerem seus escravos de mahometanos e pagãos, de mouros e negros. Nicolau V foi o primeiro que deu essa authorisação, em 1455; Calixto III confirmou-a e Alexandre VI concedeu depois aos hespanhoes o mesmo direito de escravisar os indios. D'este direito nasceu o anniquilamento de povos inteiros; proveio d'elle o trafico de carne humana, ainda hoje não completamente abolido, apezar de todos os esforços da Inglaterra, com seus horrores indiziveis e o sacrificio de muitos milhões de vidas

humanas. O povo achou logo o ter escravos coisa tão commoda que em 1535, como escreveu de Lisboa o neerlandez Cleynarts, havia n'aquella capital quasi tantos escravos como homens livres.

Em consequencia d'isso, os officios e todos os trabalhos fôram abandonados aos extrangeiros ou aos escravos, e os portuguezes, sob a concorrencia de um grande numero de dias santos e do exemplo de milhares de frades ociosos, acostumaram-se a julgar o trabalho como indecoroso e a mendicidade como coisa honesta.

Ainda hoje o extrangeiro que visita o paiz extranha logo a indolencia do povo. E ainda outros males se prendem a essa causa: aqui, como em Hespanha, a grande porção de baldios e o cancro do *deficit* permanente atrophiam as forças da nação.

O commercio de escravos, feito por portuguezes, dura ha perto de quatro seculos; porém desde 1814 já não em nôme e sob a protecção do governo, apezar de que ainda em 1837 o ministro Vasconcellos declarasse: que o trafico era indispensavel ás necessidades do reino.

Ha pouco um ministro proclamou na Camara que o governo tinha trabalhado muito para abolir o commercio da escravatura; mas não faltam vozes que affir-

mem que o trafico ainda continúa no sertão africano! (*)

Vê-se, pois, que ainda não chegou a hora em que um historiador ou estadista podesse ousar mostrar alli ao seu povo um espelho fiel dos seus feitos, apontando-lhe, sem reserva, as causas e quaes suas consequencias.

Tambem Herculano evitou, até onde conheço seus escriptos, o lancetar essas empolas da vaidade, apezar de que não lhe faltou occasião para isso, não pondo duvida, de resto, em tocar nas chagas do seu paiz. Certas fabulas, aquellas lendas e crendices, imaginadas pelo desejo de se glorificarem a si proprios, vegetam abundantes na historia portugueza. Fôram principalmente os primordios do reino que, sob a critica despreoccupada e sem preconceitos, tal qual Herculano a exercia, se toparam despidos dos ouropeis de uma tradição falsa.

A vasta obra dos cistercienses Bernardo de Brito e Brandão, com o copioso numero de fabulas e documentos espurios ou alterados no interesse de prejuizos nacionaes, que sem embargo sempre era havida por base segura da historia nacional, não fica sendo depois dos novos trabalhos do nosso author mais do que

---

O orador referia-se ás asserções de Young e Cameron.

uma collecção de materiaes infiel, mas ainda assim aproveitavel. A batalha de Ourique, que era julgada a origem da monarchia, não foi, consoante o mostra Herculano, nem tão grande nem tão importante conforme o quiz depois o patriotismo; a proclamação de D. Affonso Henriques como rei no campo de batalha é para elle uma invenção posterior. Aquelle querido mytho popular, que se baseia n'um documento forjado, segundo o qual o conde D. Affonso Henriques recebeu, antes da batalha, da bôcca do proprio Christo a manifestação divina de que Portugal, pela vontade do céu, ficaria para sempre no goso da graça de Deus e que seus descendentes reinariam até ao decimo sexto grau — tudo isso Herculano nem sequer o julgou digno de menção. Tambem rejeitou como não historicas as côrtes de Lamego, cujas actas ainda na guerra da successão entre a rainha D. Maria II e seu tio D. Miguel serviam como lei fundamental do Estado, apezar de que Schaefer, cuja obra o proprio Herculano julga a melhor historia de Portugal, não podera resolver-se a dar-lhes de mão. (*)

Já no prologo Herculano declarara que:

(*) Na edição portugueza completa (1893-1899) da *Historia de Portugal*, de Schaefer, encontra-se feita a idonea correcção na «Annotação A) *As côrtes de Lamego*», a pag. 557-564 do Tomo V.

«comquanto o patriotismo podesse inspirar o poeta e fornecer colorido ao estylo, tinha-o por mau conselheiro para o historiador». Não queria, de certo, dar áquelle principio applicação tão geral como alguem poderia entender. Sabia muito bem que é o amor que apura a vista e dá calor e vida á narração; mas tinha razão o historiador quanto áquelle falso patriotismo que pretende manter intactas a illusão e a mentira, porque possam ser uteis para interesses politicos ou religiosos.

A reacção manifestou-se logo, e Herculano viu com dôr profunda que a critica e a investigação historica são instrumentos perigosos n'um paiz onde uma tradição artificial está ainda enleiada, de pés e mãos, com interesses poderosos. Tinha mostrado que a antiga Lusitania e o moderno Portugal não eram identicos, nem geographica, nem ethnologicamente fallando; que os portuguezes de hoje são uma raça mixta de leonezes e mouros ou sarracenos; Portugal, explicou elle, teve principio n'uma parte da *Gallaecia*, sem que influissem na sua formação as anteriores divisões territoriaes, annexando-se depois pouco a pouco o *Al-Gharb* sarraceno. Esta heresia era tanto mais capital que os gallaicos, chamados em Portugal gallegos, são n'aquelle paiz numerosissimos e ao mesmo tempo desprezados, por-

que se encarreguem dos trabalhos a que se recusam os indigenas.

A este attentado contra a honra nacional de Portugal, ufano do seu Viriato, juntou outro, apreciando devidamente a parte que os cruzados extrangeiros tiveram na tomada de Lisboa. Assim, acontece que n'um manifesto contra o ministerio que cahira, e que se publicou na provincia do Alemtejo, tambem se fallava *na penna venal de um historiador que se comprazia em ridicularisar a nacionalidade portugueza.*

Ainda haveria de acontecer peior. Como Herculano o narra n'um escripto pósterior, não sem chiste, levantaram-se contra elle grande numero de accusadores, bradando que o seu livro era um escandalo, que era anti-patriotico, impio, blasphemo, lutherano, que se tinha vendido aos extrangeiros, que era manicheo, iconoclasta, réu de lesa-magestade e inimigo da honra patria. Para agradar a essa gente, disse elle, havia de reconhecer como fontes genuinas da historia as crenças do vulgo, as pias fraudes, as illusões da superstição, os prejuizos nacionaes, os contos da carochinha. Havia de mostrar pela historia, disse gracejando, que cada portuguez vale tanto como tres hespanhoes, e dous francezes ou inglezes.

Se o homem, de si irritavel, já andava bastante desgostoso por estes doéstos e calumnias,

um acontecimento, em que viu uma offensa pessoal, o desanimou completamente. A Academia, cujo presidente era Herculano, tinha proposto a demissão do seu secretario, cujo proceder desde havia annos indignára profundamente a douta sociedade; o governo, porém, nomeou esse homem chefe dos archivos do reino, da chamada Torre do Tombo. Ora, Herculano, auxiliado por outros membros da Academia, havia começado a publicação das fontes historicas portuguezas, seguindo o modêlo dos *Monumenta* allemães. Como os documentos se achassem pela maior parte n'aquelles archivos, e a continuação da grande obra ficava d'ahi por diante dependente da boa ou má vontade de um individuo que a Academia tinha eliminado do seu gremio, Herculano renunciou a presidencia da mesma Academia, declarando que não queria continuar as suas obras historicas.

D'este modo a sua obra principal não chegou além do quarto volume, abrangendo assim pouco mais do que um seculo da historia de Portugal. Apezar da critica odiosa que soffreu, essa obra obteve um exito completo e foi vendida em tres edições, representando mais de 7:000 exemplares, extracção pouco vulgar para Portugal.

Depois do quarto volume da sua grande obra historica, Herculano começára outro tra-

balho, que não era muito proprio para atalhar a irritação levantada contra elle.

E' a historia, em tres volumes, da introducção e dos primeiros vinte annos da Inquisição em Portugal, para a qual tinha encontrado materiaes, taes como: milhares de processos, a correspondencia entre o rei e os papas, as instrucções e cartas dos agentes regios e pontificios, na bibliotheca da Ajuda, cuja guarda estava confiada ao seu cuidado. Com esta obra aclarou um terreno até então muito escuro e desfigurado; mas era como que a claridade da lanterna do encarregado da justiça quando alumia de repente um covil de ladrões e suas sangrentas orgias.

Antes de serem conhecidos os factos que Herculano revelou, o inglez Southey, em 1811, havia definido a Inquisição portugueza como uma associação para queimar pessoas por causa de reaes ou pretendidas opiniões ou costumes judaicos, tendo em mira apoderar-se da fortuna d'ellas. O livro de Herculano confirmou a verdade d'essa definição, mas assoalhou ainda muitas outras cousas, desenrolando perante nós um conjuncto fatal de fanatismo, de hypocrisia, de avidez, de corrupção e de crueldade, que justificam completamente a denominação de «drama de flagicios» que o author dá ao seu trabalho. O que se ignorára até então, eram principalmente as peripecias

das negociações com Roma, onde os desgraçados christãos-novos, por meio de repetidas dadivas, procuravam alcançar algumas modificações ou garantias contra o terrivel modo de processar; porém, o rei, que de certo offereceu mais, levou a palma, conseguindo de Paulo III uma bulla que confirmou a horrivel acção do Tribunal da Fé para o decurso de dous seculos.

Um homem de tanto talento poetico como Herculano não podia deixar de fazer tentativas tambem no romance historico, aproveitando os materiaes da historia patria. Sem duvida o levou a isso o exemplo de Walter Scott, a cuja influencia se deve outrosim attribuir a introducção d'este genero de litteratura na Allemanha, Inglaterra e França.

Entre todos os authores que cultivaram esse ramo litterario, não ha nenhum historiador de vocação, afóra Xenophonte, que escreveu, além das suas obras historicas e philosophicas, tambem um romance historico, a *Cyropaedia*: de verdadeiros historiadores só posso nomear Sismondi, porém a *Julia Severa* d'este não satisfaz as mais modestas exigencias. O excellente *D. Alonso*, de Salvandy, estava, quando sahiu á luz, perto de mais da actualidade para ser considerado como romance historico. Assim, Herculano occupa um lugar unico na litteratura. Nenhum outro

soube alliar tanto a severidade na narração, historico-scientifica, com o enthusiasmo e arrojo da poesia; elle, o profundo historiographo, conseguiu devéras introduzir nos seus romances, não figuras amalgamadas de noticias historicas ou antiquarias, mas personagens de carne e osso, que condizem perfeitamente com a sua epocha. Menos, é verdade, no *Eurico*, trasladado a allemão por Heine, porque, para a ruina do imperio visigodo pelos sarracenos, que se pinta alli, as fontes correm escassas de mais para darem um fiel quadro historico do estado da Hespanha christã d'aquelles tempos. Mais felizmente escolhido e melhor acabado, é o seu segundo romance *O Monge de Cister*, que se occupa da epocha da historia portugueza sob o reinado de D. João I, nos principio do seculo XV.

Aqui as fontes são mais abundantes e o tempo dos mais brilhantes e agitados da historia portugueza: foi então que se consolidou a independencia do reino pela derrota de Castella, então foi que se fez a alliança com a Inglaterra, nunca mais rota, e que começaram as conquistas africanas.

Mas a phantasia de Herculano parece ter ficado sob a impressão do seu longo estudo sobre os actos Inquisitoriaes, porque inclina sensivelmente para a pintura dos abysmos do coração humano. Assim, a catastrophe

*

em ambos os romances, principalmente no *Monge de Cister*, offerece um quadro horroroso. Apezar d'isso, o exito completo que o livro alcançou na sua patria manifestou-se logo n'um grande numero de romances historicos, sahidos á luz depois, que tomaram por assumpto scenas da historia nacional, seguindo como modelo Herculano. Entre estes, apontam-se como os melhores os romances de Rebello da Silva, de Marreca e de Andrade Corvo.

Herculano era, no fundo de alma, enthusiasta pela honra e pela prosperidade do seu paiz. Só uma vez, porém, tentou servir o Estado na vida politica, retirando-se depois para sempre dos trabalhos parlamentares. Até, quando em 1862 o governo o nomeou par do reino e gran-cruz da Ordem de S. Thiago, declinou ambas as mercês. Repetidas vezes lhe offereceram um lugar na camara; mas elle respondeu: «que, quando o acceitára pela primeira vez, tinha logo reconhecido que fôra victima de uma illusão; como penitente, havia limpado os vestidos do pó, fugindo, de cara lavada, da politica para o meio do mundo moral».

Sentia o mesmo que o presidente do ministerio hespanhol, o qual n'aquelle tempo disse na camara dos deputados em Madrid: «Não posso viver n'esta atmosphera mephitica, onde

alma e ideias se engolpham a cada instante na miseria de interesses e intrigas pessoaes, onde os desenganos accumulados acabam por destruir todas as crenças politicas».

Só nos quinze annos que decorrem de 1836 a 1851, Herculano vira não menos de dezesete revoluções; e no seu paiz, crises ministeriaes, mudanças de gabinete, dissoluções de côrtes e eleições novas estão tanto na ordem do dia que um ministerio que conta 12 a 14 mezes de existencia já passa por longevo. E n'estas reviravoltas não se tracta, na mór parte dos casos, de principios, de questões importantes que decidam dos destinos do paiz, mas de interesses de partidos ou antes de *coteries*, que nem sequer teem a importancia de partidos politicos. A causa d'isso está na empregomania, na avidez de honras e distincções, que em Portugal é mais forte do que em outro qualquer paiz.

Como não pertencia a partido algum, disse Herculano uma vez, tambem não queria servir nenhum. Ao *cartismo* e ao *setembrismo*, que tanto tempo tinham luctado pela dominação, chamou-lhes dous cadaveres já enterrados no cemiterio da historia. As tres facções que depois d'aquellas se encontraram mutuamente na posse do governo ou na opposição: os regeneradores, os historicos e os progressistas eram-lhe indifferentes. Tambem de certo ficou

profundamente magoado com a occorrencia, vergonhosa para a nação inteira, que se deu em maio de 1870, quando o duque de Saldanha, seduzindo alguns regimentos para a revolta, entrou no palacio do seu rei e conseguiu, por ameaças, ser nomeado, apezar dos protestos de ambas as camaras, presidente do ministerio, sendo mandado pouco depois, por causa de ter perdido as eleições, como embaixador para Londres, com um ordenado enorme. N'um escripto sahido á luz pouco depois d'estes acontecimentos, Herculano disse que nem sequer na lembrança queria occupar-se com as cousas publicas, porque esta tarefa o enchia de tristeza. Com maior dó ainda do que esse ataque agudo da molestia dos *pronunciamentos*, endemica em toda a peninsula, viu Herculano a doença chronica de toda a vida politica e social.

Em primeira linha colloca elle a *gallomania*, consequencia natural da anterior tyrannia intellectual que impossibilitára toda a discussão de materias politicas, toda a formação de uma litteratura sobre o Estado, de sorte que, cahindo o antigo systema, Portugal, na sua pobreza intellectual, viu-se obrigado a aproveitar da França ideias, conhecimentos e instituições. Com isto veio tambem a centralisação da administração, em que Herculano vê o peior dos males — a morte de toda a vida

local e politica, o atrophiamento dos ultimos restos de autonomia municipal que o absolutismo deixára. Mostra-nos como lá tambem o povo, em vez de se ajudar a si proprio, espera e receia tudo do governo, lhe pede tudo, até o impossivel, amaldiçoando-o depois. Pinta-nos muitos outros defeitos, principalmente o misero estado da instrucção publica, que era para elle uma mentira official. Logo, porém, que Herculano, voltando-se da triste actualidade para o passado, percorria os tempos volvidos desde o seculo decimo sexto até o começo da epocha moderna, via-se forçado a confessar que então reinára uma depravação de costumes, uma corrupção, até nas ideias moraes, muito peior do que tudo o que póde hoje desagradar ou causar receios a quem estude o estado actual de Portugal. O paiz, julga elle, podia-se considerar feliz, porque um estado de cousas, tal qual era ainda no tempo do marquez de Pombal, nunca mais voltaria.

N'uma carta memoravel e muito instructiva pelo esboço claro da situação do paiz, dirigida aos eleitores de Cintra, que o convidaram para representar-os na camara, aconselha-os a fazerem uma eleição de campanario, isto é a eleger d'entre elles proprios um homem sizudo e não um *orador* que fizesse politica por officio: só d'essa maneira chegariam, finalmente, á

verdadeira liberdade, á administração do paiz pelo paiz. Sombras profundas, raras luzes: — tal é a impressão do estado de Portugal que deixam na alma os escriptos politicos de Herculano; e até os hespanhoes extranham que estadistas portuguezes fallem com maior desanimo a respeito do seu paiz, do que os hespanhoes a respeito do d'elles.

Em 1866, na primeira carta sobre o casamento civil, disse Herculano que já não havia esperança alguma para o paiz onde nascera e que no seu futuro não acreditava. O que o desanimava e tornava pessimista era a carencia de forças moraes nas altas camadas da sociedade; a degradação da nobreza, tambem physicamente degenerada pela immoralidade; a corruptibilidade dos funccionarios publicos; a falta de illustração e o desprezo em que cahira o baixo clero; o espirito de indisciplina no exercito.

Muito pezam, por certo, estas circumstancias na balança da historia. Mas Herculano sabia tambem o que póde servir de contrapezo: que a monarchia, ennobrecida pelas virtudes, pela moderação e espirito constitucional dos tres reis da casa de Coburgo, está cheia de vigor; que Portugal não conhece o odio de uma classe da sociedade contra a outra; que a grande maioria do povo, apezar de que não faltam nas duas capitaes

da nação, em Lisboa e no Porto, elementos de anarchia, é politicamente sã e dedicada á dynastia.

Herculano, percorrendo repetidas vezes o paiz, tinha-se convencido de que a população rural, alliviada pela revolução de 1833 e movendo-se livremente, fez um progresso immenso; que, em consequencia da abolição da mão-morta e da melhor distribuição dos bens ruraes, o proletariado tinha diminuido sensivelmente; viu tambem a abolição dos morgados.

Repetidas vezes Herculano falla, com receios. da tendencia perigosa de um partido importante para arrancar os beneficios e direitos que o anno de 1833 trouxe á nação. Que conseguisse o seu fim, não o julgou possivel; mas parece haver temido que a lucta, sustentada por muito tempo, esgotasse as forças physicas e moraes da nação e que Portugal, finalmente, fôsse devorado pela Hespanha, ainda que este povo padecesse de egual ou maior atrophiamento.

Resta-nos, considerando o variegado talento de Herculano, estudar outra parte da sua actividade, a religiosa. Os escriptos em que exprime as suas convicções. á respeito das questões que prendem com esta materia, estão elaborados com particular energia de ideias e de estylo. Comprehensão e vontade, fé viva e

commoção patriotica produziram visivelmente o maior calor do discurso.

Herculano era christão de crenças sinceras, tál qual se mostrou nas poesias da sua mocidade, permanecendo fiel ao seu caracter até á morte. Como historiador, como christão, como cidadão de Portugal, combatia o systema que se chama ultramontanismo, e que justamente alli deixou tão triste memoria, custando tanto sangue e dinheiro ao paiz e impondo-lhe dolorosos sacrificios, materiaes e intellectuaes.

Lembrava-se elle da Santa Cruzada e do seu tribunal, da bulla *de compositione* com os seus effeitos desmoralisadores, dos abusos das Ordens de cavallaria, e das suas ricas prebendas, das commendas que gosavam dos dizimos, do luxo da côrte e dos cortezãos, emquanto que o baixo-clero vivia das esmolas do povo, por egual faminto. Não se esqueceu de mencionar que antigamente o clero tomara parte nos roubos e extorsões do fisco real. Em 1862, Pio IX escreveu uma carta aos bispos portuguezes, para chamar tambem n'aquelle paiz o clero ao combate contra a ordem politica, como correspondia ao systema adoptado em Roma desde 1850. Os bispos deviam negar obediencia a qualquer lei do Estado que estivesse em contradicção com as ecclesiasticas e ensinar ao povo que, n'um caso de conflicto

entre as do Estado e as leis da Egreja, sómente era obrigado a obedecer a estas ultimas. Se os bispos houvessem tomado isto a sério, teria rebentado alli uma guerra civil religiosa, pois que tambem em Portugal, como nos outros povos cultos, a constituição e todo o estado social são incompativeis com o direito canonico, tal qual o entendem os papas. Além d'isso, o *Syllabus*, conforme Herculano o observa, tinha condemnado as bases da ordem politica em Portugal, como as dos outros paizes.

Assim, antes de apparecerem os decretos do Vaticano de 1870, muitas causas concorreram para tornar Herculano inimigo declarado da hierarchia romana e nacional, tanto mais temivel por isso que era havido em todo o paiz por homem sinceramente religioso e longe do indifferentismo e scepticismo francez. Já a polemica sobre os acontecimentos anteriores e posteriores á batalha de Ourique, que originou não menos de 25 pamphletos, tomara a importancia e a fórma de uma lucta pró e contra a Egreja; e Herculano atiçou o combate dando á sua defeza o titulo de *Eu e o clero*. Custa a acreditar como a questão sobre se certos acontecimentos do seculo XII se deram ou não se deram, pôde tomar o caracter dogmatico e ser considerada como questão vital da religião em Portugal.

Esta circumstancia tira a sua origem do estado particular d'aquelle paiz.

O grande poder e a riqueza do alto clero baseiam-se alli na ideia de que esse povo e reino fôram especialmente eleitos por Deus para propagar a fé e que a prosperidade e a grandeza da nação dependem do fiel cumprimento d'essa missão. Aquellas fabulas tinham sido imaginadas para inculcar a crença n'essa missão divina e na obediencia incondicional para com a Egreja, a quem cumpria o dever de alimentar e dirigir o enthusiasmo religioso e guerreiro da nação.

Quanto mais desfavoraveis fôram os acontecimentos dos tempos modernos para o clero, quanto mais alli perdera a Egreja em bens e authoridade, tanto maior era a raiva contra o historiador que, de animo sereno, havia acabado com aquellas lendas preciosas, que durante muito tempo deram resultado excellente.

Herculano, como membro da commissão que elaborava um novo codigo civil, considerando o grande numero de extrangeiros não-catholicos que residem em Portugal, conseguira que fôsse incorporado n'elle o casamento civil facultativo. Foi isso causa de novos ataques. Objectaram-lhe que a religião catholica, segundo a Carta Constitucional, era a religião do Estado; que a sua lei matrimonial era lei do paiz; e que, portanto, o casa-

mento civil estava em Portugal em contradicção manifesta com a constituição. Herculano estudou a questão e publicou primeiro quatro cartas, depois tres folhetos de *Estudos*, onde provou que os adversarios queriam obrigar os não-catholicos a um acto religioso, o casamento ecclesiastico, o que, aos olhos dos catholicos, era a profanação de uma ceremonia sagrada, um insulto feito á religião. Parece que os seus escriptos convenceram, porque no dia 1 de julho de 1867 uma lei declarou o casamento civil dos não-catholicos valido de ahi por tres annos.

Quem conhecia os sentimentos de Herculano, sabia de antemão como receberia os decretos do concilio vaticano. Elle, o christão sincero e historiador profundo, julgou-os um crime atroz; um rompimento formal com a doutrina tradicional; uma alteração do deposito da fé, emquanto que antes a immutabilidade do dogma era proclamada como caracter essencial do catholicismo. Alguns mezes depois de concluido o concilio, escreveu n'um folheto que tinha por grande escandalo aquella fabrica de artigos de fé, tal qual Pio IX a estabelecera sob a influencia dos jesuitas.

Sollicitou do governo que se negasse a reconhecer aquelles decretos e doutrinas, porque destruiam a continuidade da Egreja, exigida

pelo texto da artigo da Carta, que declara a religião catholica religião do Estado. Não sei se este escripto influiu nas resoluções do governo; mas facto é que o governo procedeu n'aquelle sentido, não acceitando os decretos vaticanos até hoje e negando-lhes o reconhecimento official em todas as questões que estão sujeitas ao seu poder.

No anno de 1873 Herculano publicou ainda dous volumes de *Opusculos*, mas depois emmudeceu. (*)

No prologo disse que «tempestades violentas tinham assolado durante muitos annos o barco da sua vida litteraria, antes que, finalmente, chegasse ao ponto seguro e tranquillo do silencio e da obscuridade».

Olhando para a sua carreira de escriptor, confessa que o arrojo da sua indole o levava ás vezes a exprimir as suas ideias com demasiada energia, mas talvez fôsse aquelle enthusiasmo apaixonado que grangeára aos seus escriptos a benevolencia com que fôram acceites até pelos proprios adversarios.

Em junho de 1876 escreveu-me que se tinha retirado para a solidão, a gosar dos ultimos annos da sua vida; que vivia no campo, longe do movimento politico e litterario do

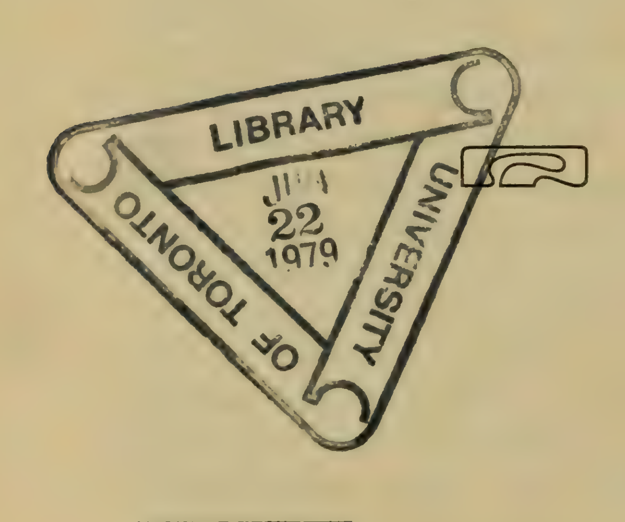
(*) Em 1876 sahira á luz um terceiro volume dos *Opusculos*.

seu paiz, quasi esquecido do mundo, só lembrado ás vezes em circulos litterarios.

Desde já podemos asseverar que os seus numerosos adversarios, com todos os seus pamphletos e libellos, não conseguiram arrancar-lhe nem sequer uma folha da sua corôa de gloria. Não só constituiu os fundamentos para a unica verdadeira maneira de escrever a historia de Portugal, mas levantou tambem no seu paiz a sciencia historica em geral a um grau incomparavelmente mais alto. O seu amigo e discipulo, doze annos mais novo, Rebello da Silva, egualmente author de romances historicos e severo investigador e historiador, seguindo os vestigios do mestre, tractou um periodo importante da historia portugueza, a epocha da dominação hespanhola; continúa a grande collecção de documentos do visconde de Santarem e deu já alguns volumes de uma nova collecção de cartas e actas Inquisitoriaes, em que fôram tambem incorporados os diplomas sobre os quaes Herculano baseia a sua *Historia da Inquisição*. O rei D. Pedro V, arrebatado prematuramente ao seu reino, como a unica Universidade do paiz, a de Coimbra, não podesse ou não quizesse fundar, apezar das suas cinco Faculdades, cadeiras das sciencias humanisticas, estabeleceu, em 1859, á sua custa cathedras para historia, philosophia, estudos classicos e

litteratura, regendo uma d'essas cathedras Rebello da Silva. (*)

D'esta maneira póde-se esperar que os grandes meritos de Herculano não serão, da sua terra e da sua gente, esquecidos nem obscurecidos; que, pelo contrario, os seus trabalhos litterarios servirão de prestimo á mocidade de talento, que ha de dar cento por um — principalmente quando prevalecer tambem na prática a convicção de que a eschola elementar bem organisada é a condição indispensavel para o progresso nas sciencias.



(*) O orador ignorava a morte do talentoso professor.






UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 12 03 001 8